



NARRATIVAS DE UMA PANDEMIA: IMAGENS NO PERFIL “COVID PHOTO BRAZIL” NO INSTAGRAM¹

GAMA, Danielle M. H.de L. da, Mestre em Ciências Sociais (UFRB-BA)²

Resumo: Ao longo da crise sanitária global provocada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), causador da Covid-19, a fotografia tem funcionado como compartilhamento de vivências e registro de memórias. Neste trabalho, propomos realizar uma análise de imagens produzidas por fotógrafos (atuantes ou não na cobertura jornalística da pandemia) e publicadas no perfil “Covid Photo Brazil”, no Instagram. Através da Análise de Conteúdo, buscamos indicar modos pelos quais tais imagens têm narrado a pandemia no país. Consideramos que as fotografias analisadas apresentam elementos similares às representações produzidas em outros momentos epidêmicos ou pandêmico documentados, mas têm apresentado diferentes perspectivas e focos ao longo do tempo, como um evento que ainda está em andamento. Concluímos que a página “Covid Photo Brazil” tece uma narrativa a partir de fragmentos, composta por símbolos que se tornaram cotidianos na mídia e no imaginário público da pandemia no país.

Palavras-chave: Mídias visuais; Fotografia; Narrativas; Pandemia; Covid-19.

Introdução

Desde o início da crise sanitária global do novo coronavírus (Sars-CoV-2), a fotografia tem funcionado de vários modos, seja como expressão dos indivíduos confinados, como compartilhamento de experiências e, dentro destes contextos, como registro de memória da pandemia. Sendo elementos midiáticos e simbólicos, as fotografias organizam e “traduzem” eventos ou momentos históricos, construindo vínculos entre os que os vivenciam, mas também com o futuro, estabelecendo-se como dispositivos de memória social.

Quando postas em circulação através das redes sociais, estas imagens ampliam seu alcance e constroem repertórios que se somam àqueles produzidos pela imprensa, e cujos registros contarão às próximas gerações a história da pandemia do início do século XXI.

¹ Trabalho apresentado no **GT História da Mídia Visual** do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Mestre em Ciências Sociais (UFRB-Bahia) e Bacharel em Comunicação Social (UFSJ-Minas Gerais). E-mail: dani.dagama@hotmail.com



Reunindo algumas destas imagens, estão iniciativas como concursos de fotos, álbuns coletivos, ou contas nas redes sociais. Entre elas, o perfil no Instagram intitulado “Covid Photo Brazil – Diário da Covid-19”, que, conforme indicado em matéria do jornal El País³, “apresenta trabalhos de fotógrafos atuando ou não na linha de frente da cobertura da pandemia”. Sua descrição na página da rede social aparece em inglês, assim como algumas das legendas nas postagens: “Fotógrafos mostrando através de sua visão a vida cotidiana durante a Covid-19 no Brasil” (Tradução nossa).

O perfil é administrado por Danilo Verpa, fotógrafo da Folha de São Paulo, e as fotos postadas são produzidas por fotógrafos, que, como pudemos verificar em consulta a alguns perfis, podem ou não ser fotojornalistas. Assim, muitas delas foram também publicadas em veículos de imprensa e agências de notícias. Outras foram disponibilizadas em bancos de imagens gratuitas, neste caso também podendo ter sido replicadas por veículos de mídia.

Neste trabalho, nos propomos, através de um recorte temporal deste perfil, analisar o conteúdo das imagens postadas e apontar como elas registram narrativas sobre a pandemia no Brasil. A análise parte de um “olhar narrativizante”, compreendendo o “narrar” como metáfora de articular e “fazer emergir as formas de articulação do cotidiano” (LEAL, 2006, p. 22).

Nosso recorte vai de uma semana antes de o Brasil atingir o número de 100 mil mortos pela Covid (em 08 de agosto de 2020) até duas semanas após a aplicação da primeira dose da vacina no país (em 17 de janeiro de 2021). Neste período de quase seis meses foram feitas 221 postagens no perfil (mais uma postagem de vídeo). Algumas delas são compostas não por uma foto, mas por série de fotos (em geral de 2 a 5, descritas pela mesma legenda). Nestes casos, escolhemos analisar a primeira foto de cada série, que é a que aparece em destaque ao correr os olhos pela página do perfil.

É importante pontuar que a pandemia no Brasil se desenvolveu desde o início com discursos negacionistas sobre a doença e a ciência, por autoridades e por parte da

³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/verne/2020-05-04/a-fotografia-abraca-a-tarefa-de-contar-a-pandemia-ao-futuro.html>. Acesso em 07 fev. 2021.



população. Assim, analisar imagens que retratam a pandemia no país também passa por compreender sua potência como contranarrativas a estes discursos, e resistentes às tentativas de seu apagamento ou descrédito.

O artigo se divide em quatro seções, além da introdução: na primeira aportamos referências sobre narrativas imagéticas em contextos epidêmicos e pandêmicos ao longo da História. Na segunda evidenciamos nosso percurso metodológico, baseado na Análise de Conteúdo. Na terceira, realizamos a análise, ilustrando-a com algumas imagens. Na última seção tecemos considerações sobre os principais achados.

Registros pandêmicos

Imagens, segundo Novaes (2008, p. 465), “têm a capacidade de metáfora e sinestesia”, favorecendo narrativas e o compartilhamento da experiência com o real. Em sua perspectiva de prática cultural, a fotografia “proporciona a constituição de um banco de memória visível” (SILVA, 2011, p. 229). Esse repertório de memória abriga símbolos de vivências sociais específicas, construindo através deles suas narrativas sobre os eventos.

Citando o teórico Jacques Aumont, Barcelos (2016, p. 143-144) define as imagens “como representação ou aspecto da realidade que transmite ao espectador, de forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real”. Como discursos estão sempre presentes em relação a outros discursos, a autora traz o conceito de “imagem sintoma” (CHARAUDEAU *apud* BARCELOS, 2016, p. 148), que diz respeito à “intericonicidade” ou poder de evocação das imagens. Para apresentar “efeito de sintoma”, a imagem

necessita ser simples, ter forte carga semântica e portar o que mais atinge as pessoas, isto é, dramas, alegrias, sofrimentos e nostalgia, além de apresentar recorrência de maneira a se fixar nas memórias. Reiteradas, essas imagens passam a ocupar espaço nas memórias coletivas, produzindo imaginários ou tomando parte em imaginários já existentes. Esse tipo de imagem seria, então, sintoma de eventos dramáticos. (BARCELOS, 2016, p.149).



No caso de crises epidêmicas (de surtos regionais a pandemias globais), o antropólogo Christos Lynteris aponta a centralidade da fotografia à sua “experiência pública” (LYNTERIS, 2020, n.p.). O autor cita as epidemias das primeiras décadas do século XXI: Sars (2002-2003), gripe suína (2009), Ebola (2014-2016) e Zika (2015-16), além da pandemia da Covid. Mas aponta que a terceira onda global da peste bubônica já havia sido registrada, inaugurando o gênero da “fotografia epidêmica”, de onde, segundo ele, originou-se muito de como a pandemia atual tem sido documentada⁴:

A virada do século XIX foi a primeira vez que a fotografia foi usada para retratar um surto de doença infecciosa. Mas foi também a primeira vez que tal surto foi entendido, tanto por cientistas como pelo público em geral, como uma pandemia. Surtos locais, não importa quão pequenos, capturados pelas lentes fotográficas não eram mais simplesmente surtos no Porto, Los Angeles, Alexandria, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Sydney ou Mumbai – eles eram parte de um evento que era visto como uma ameaça ao tecido do mundo moderno. (LYNTERIS, 2020, n.p.). (Tradução nossa).

Lynteris menciona metáforas visuais utilizadas na cobertura da peste bubônica e que se repetiram em outros contextos, como “o espetáculo dos sepultamentos epidêmicos”, na epidemia do Ebola. O foco também incide no isolamento e na quarentena. Ainda no início da pandemia do novo coronavírus, o autor apontava entre seus “ganchos visuais” as cidades vazias e “imagens de solidariedade através de sacadas” (LYNTERIS, 2020, n.p.).

Schneider e Benia (2020), em artigo que reflete sobre as imagens da pandemia na perspectiva de um “tempo suspenso”, também citam as análises de Lynteris. Elas apontam que no campo do fotojornalismo, segundo o autor, acontece uma reiteração de “personagens, símbolos e atalhos visuais”, entre os quais estão a máscara médica, o epidemiologista como herói, hospitais de campanha e enterros em massa (LYNTERIS, 2016 *apud* SCHNEIDER; BENIA, 2020, p. 132).

⁴ O artigo para a revista de arte Apollo foi publicado no mês de abril de 2020, pouco depois do anúncio da pandemia de Covid-19, feito pela OMS (Organização Mundial da Saúde) em 11 de março.



concentrou sua análise sobre as imagens, considerando as fotos como “meio de comunicação e o jornal como meio de difusão” (BARCELOS, 2016, p. 169-170).

Considerando as imagens como textuais e registros de um evento histórico, porém, foi relevante alinhar contextos em que elas foram produzidas. Para isso as legendas também foram usadas como suporte das análises, bem como o acesso a materiais jornalísticos da época. Textos, em uma perspectiva bakhtiniana, não são necessariamente verbais e são sempre constituídos no cruzamento de suas relações anteriores e a outros fenômenos. (LEAL, 2006).

Leal (2006, p. 24) observa que uma narrativa midiática se compõe “de textos diversos que, em si mesmos, são pequenas materializações das falas sociais”. Assim, narrativas imagéticas da pandemia vão se compondo em diálogo entre as imagens produzidas cotidianamente pelas pessoas comuns e pelas várias mídias. Podemos dizer que imagens produzidas pela imprensa co-laboram na construção social da realidade, junto das narrativas cotidianas.

De início, tomamos a fotografia sem as legendas (sem contexto para além de nossos conhecimentos prévios). A ideia era nos perguntar: “O que a foto mostra?”, atentando para elementos que “saltassem aos olhos”. A partir daí, estabelecemos aspectos que se repetiam, agrupando características que se ressaltavam e que as particularizam entre si, identificando padrões e contrastes. Isso nos levou à uma primeira classificação das imagens em conjuntos provisórios.

Foram necessários sucessivos reordenamentos entre os grupos, à medida que nos aprofundávamos na análise de seus elementos imagéticos, então ampliados pela leitura das legendas (dados paraimagéticos). As legendas serviram de apoio para melhor contextualizar as cenas registradas e apoiar decisões. Uma foto, por exemplo, que retrata pacientes infectados, não foi deixada junto a outras fotos deste grupo, mas sim colocada entre as que representavam desigualdades, por fazer referência ao adoecimento em locais vulneráveis, com carência de cuidados e atendimento.

Pela identificação de regularidades e diferenças na observação e contraposição atenta das imagens, realizamos, a partir dos grupos pré-distribuídos, uma categorização,



conforme a recorrência visível de elementos, distintivos dentre os grupos, que consideramos como “temas”. Assim, as imagens selecionadas foram por nós distribuídas entre as que retratavam pacientes infectados, aglomerações, mortes, desigualdades, manifestações artísticas, o advento da vacina e o que temos chamado de o “novo normal”.

Baseados nestas categorias, passamos à descrição das imagens. Segundo Barcelos, “a descrição abrange elementos tangíveis como características técnicas (nome e identificação do emissor, data da produção, técnica empregada, tipo de suporte, entre outras), plásticas (cores, volume, composição) e temáticas” (BARCELOS, 2016, p. 138). Optamos, para esta análise, por realizar uma descrição temática, que é, conforme a autora, “um inventário dos elementos representados e a verificação se algum deles é emblemático, se remete a símbolos partilhados socialmente” (BARCELOS, 2016, p. 138).

Por fim, empreendemos nossa interpretação dos dados, apoiada na descrição e no contexto. Esta etapa traz necessariamente o subjetivismo do analista, por ser (uma) leitura possível. A próxima seção traz nossos principais achados.

Narrativas de uma pandemia

As 221 imagens foram distribuídas em 7 categorias temáticas: novo normal (87); infectados (28); aglomerações (20); mortes (26); desigualdades (36); arte e protesto (14) e vacina (10). Os temas escolhidos, com base nos elementos visuais percebidos na análise, remetem também a pautas que têm composto midiática e cotidianamente eixos narrativos da pandemia.

As fotografias enquadradas na categoria “novo normal” retratam espaços e ações cotidianos que foram de algum modo alterados com a pandemia. Espaços públicos (ruas, templos, feira, estádios) esvaziados; cenas de confinamento através de janelas; medição de temperatura na entrada de estabelecimentos; atividades escolares, culturais e religiosas reconfiguradas (como salas de aula com menos alunos, um cinema drive-in e



um padre que acolhe confissões ao ar livre). Diferentes territórios também são retratados – indígenas e moradores de zonas rurais aparecem junto com trabalhadores e transeuntes urbanos compondo visualmente um elo que perpassa as imagens: as máscaras cobrindo os rostos.

Este grupo reúne a maioria das fotos, compondo como que um “quadro de fundo” cotidiano da pandemia. Este cotidiano passou a ser notícia ao se tornar também ele “extraordinário”. As imagens 1, 2 e 3 ilustram esta categoria⁵:

Imagem 1:



Imagem 2:



Imagem 3:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Na categoria “infectados” reunimos fotografias que retratam pacientes – o padecer da doença em si – mas também o que está envolvido na luta pelo tratamento. Algumas delas trazem o preto e branco dando mais sobriedade ao retrato. Outras, trazendo profissionais de saúde dentro de salas de UTI ou hospitais, sem que apareçam os pacientes, foram incluídas neste grupo, considerando que nem sempre é possível fotografar os doentes e pela economia própria da análise de conteúdo⁶. Um dos elementos que compõem visualmente o grupo, além dos profissionais reconhecidos como os heróis da linha de frente no enfrentamento à Covid, são os aparelhos respiradores⁷.

⁵ Para créditos das fotos, verificar Lista de Imagens.

⁶ Na AC, busca-se trabalhar com o menor número possível de categorias abrangendo a totalidade das fotos (MORAES, 1999).

⁷ A Covid-19 acomete principalmente o sistema respiratório (Fonte: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus_perguntaserepostas/. Acesso em 24 fev. 2021).



Em janeiro, o estado do Amazonas vivenciou um caos provocado pela falta de oxigênio em hospitais da capital Manaus. Fotografias deste período trazem a figura dos verdes tubos de oxigênio sendo carregados por familiares de pacientes que dependiam deles para respirar. Uma das legendas registra: “O sistema de saúde de Manaus entrou em colapso e, sem ajuda governamental substancial, as famílias foram deixadas para salvar suas próprias vidas”. As imagens 4, 5 e 6 ilustram a categoria “infectados”:

Imagem 4:



Imagem 5:



Imagem 6:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Ao lado destas, em não muito menor número estão as coloridas fotos das “aglomerações”. Os ajuntamentos de pessoas que reunimos nesta categoria são provocados, como confirmamos pelas legendas, por eventos festivos, compras e lazer, e aparecem em especial no período próximo do início do verão e das festas de fim de ano. As imagens repetem praias lotadas, além do movimento em bares, e multidões nas ruas e centros de compras e lazer. Como a imagem 7, que mostra uma aglomeração, na semana anterior ao Natal, no Brás, centro de compras de São Paulo. Nela, a máscara aparece ainda (embora aqui usada inadequadamente), como lembrete de uma pandemia que não arrefeceu. Na imagem 9, o mesmo local fotografado em Fortaleza no início da pandemia, em março, e no mês de setembro, mostra que, com o tempo, o distanciamento social passou a ser menos respeitado.

Tomamos o cuidado de não colocar neste grupo fotos que retratavam aglomerações causadas por outros motivos: filas em espera de auxílios, de distribuição de alimentos, e outras provocadas pela crise sanitária ou sua (má) gestão; há também as



multidões que se amontoam em ônibus e estações de metrô. Considerando que nestes espaços se reúne uma maioria de trabalhadores, que não puderam parar de circular, alocamos tais imagens junto às que demonstram as desigualdades evidenciadas pela pandemia, como aglomerações “não escolhidas”.

Imagem 7:



Imagem 8:



Imagem 9:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Tiradas do alto, as fotos de praias repletas de guarda-sóis causam desconforto contrastadas às imagens aéreas dos sepultamentos, que preenchem as narrativas simbólicas representando as mortes pela Covid. Neste grupo reunimos imagens, muitas em preto e branco compondo com tragicidade os relatos, retratando sepultamentos em massa, caixões sendo carregados por profissionais com equipamentos de proteção, o choro de familiares, recortados veementemente sobre cenários de sepulcros e cruzeiros. Os mesmos elementos visuais se repetem em sequências desoladoras, que se repetiram ao longo de quase um ano para milhares de famílias⁸.

Uma das fotos que incluímos neste grupo, de modo diferente, não traz estes elementos, mas registra em seu recorte pastas de arquivo com etiquetas referentes à investigação de óbitos, e as mãos de um profissional que manipula papeis (Imagem 12). As pastas representam de outro modo as vidas perdidas para a doença, que conseguiu alterar os próprios ritos do luto e cujos registros (sub-registros) e estatísticas vieram a tornar-se ferramentas políticas.

⁸ Em 21/02/2021, o Brasil contava 246.504 mortos por Covid-19 (Fonte: <https://covid.saude.gov.br/>). O primeiro óbito foi registrado no país em 12 de março de 2020.

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA

EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS



ALCAR CENTRO-OESTE

WWW.ALCARCO.COM

22 E 23 DE MARÇO

SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

Realização:

Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio:

UFMS UFPA UFPA UFPA

Imagem 10:



Imagem 11:



Imagem 12:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Outra foto deixava uma dúvida: veem-se corpos embalados em mantos negros sob um viaduto. Estariam mortos? A legenda nos fala que são moradores de rua (Imagem 13). No limiar entre a vida precária e a o constante risco de contaminação e morte, a crise sanitária tornou-se ainda mais grave para grupos sociais vulneráveis. As fotos aqui enquadradas no grupo “desigualdades” exibem desníveis sociais e regionais que se evidenciaram mais fortemente durante a pandemia.

Tais imagens retratam territórios periféricos, com restrições ou impossibilidade de manter medidas de isolamento e dificuldades de acesso ao sistema de saúde; a pauperização e a grave situação de pessoas em situação de rua; as demandas dos trabalhadores autônomos em especial os que trabalham nas ruas; meios de transporte lotados utilizados pelos trabalhadores, ainda em períodos de picos no número de mortes, quando relaxadas as medidas de isolamento (e com a falta de medidas econômicas adequadas ao controle da crise); as desiguais condições na educação; e protestos de indígenas contra a violação de seus territórios (ações que não cessaram e forçaram a saída de tribos inteiras de seu isolamento). As imagens 13, 14 e 15 representam aqui esta categoria:



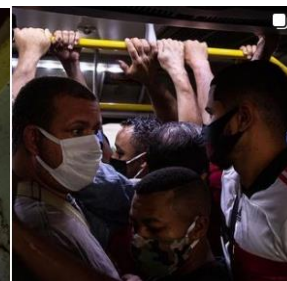
Imagem 13:



Imagem 14:



Imagem 15:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Algumas das imagens mostram protestos de outro tipo: através da arte, em fotos, performances e instalações. Em particular destaca-se a arte de rua, representada aqui pelos grafites e intervenções no espaço público agora restringido (e palco das disputas a respeito da crise). Cabe ressaltar sua função orientadora para os novos usos deste espaço, incentivando o uso de máscaras e o isolamento social. Na imagem 17, a frase escrita na rua pelo projeto Ruas do Bem diz: “Só me lembro de usar máscara porque não me esqueço de você”. Na imagem 18, balões vermelhos e cruzes fixados na praia de Copacabana, pela Ong Rio de Paz, em agosto, em memória aos então mais de 100 mil mortos pela Covid.

Imagem 16:



Imagem 17:



Imagem 18:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

As imagens da categoria “vacina”, em menor número, adquirem existência a partir da chegada das doses do imunizante CoronaVac, em novembro de 2020, a São

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

ALCAR CENTRO-OESTE
WWW.ALCARCO.COM

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPESP FAPEG

Paulo (a aplicação das primeiras doses, no entanto, só se deu em janeiro de 2021). As imagens mostram idosos, profissionais de saúde e indígenas – grupos prioritários – sendo vacinados. Algumas também retratam profissionais trabalhando na produção e distribuição da vacina, que representa atualmente a maior esperança no enfrentamento à doença. Ainda em número tímido, são estas que registram conforto meio ao incômodo que permeia todo o conjunto.

Imagem 19:



Imagem 20:



Imagem 21:



Fonte: <https://www.instagram.com/covidphotobrazil/>

Considerações Finais

A fotografia como mídia visual atua junto a textos construídos por outras mídias e às narrativas cotidianas na construção social da realidade. Representando dores ou alegrias vividas coletivamente, contribuem no compartilhamento de experiências e na formação da memória de eventos singulares.

Na Pandemia de Covid-19, suas formas de representação têm se assemelhado às utilizadas por fotógrafos em outros eventos epidêmicos. No entanto, em seus diferentes momentos podem apresentar características específicas. Se no início da pandemia, era possível estabelecer narrativas de suspensão do tempo, ao longo do ano o acirramento da crise sanitária provocou outras vivências e outros olhares para o evento, entre o cotidiano e a tragicidade. No período final por nós analisado, o advento da vacina guarda outras possibilidades (e esperanças).



A página “Covid Photo Brazil”, apresentando imagens de diversos fotógrafos, tece uma narrativa coesa a partir de fragmentos, produzidos em todo o país. Compõem estas narrativas símbolos que se tornaram cotidianos na mídia e no imaginário da pandemia no Brasil, como as máscaras, caixões e cruzeiros, respiradores e tubos de oxigênio; as ausências e espaços vazios; o sofrimento de territórios vulneráveis, de famílias e profissionais. Tais narrativas também se fazem modo de resistir a outras que tanto negam a existência da doença como a possibilidade de enfrentá-la de modos mais humanos.

Propagadas nas redes, as imagens possibilitam o compartilhamento nos mais diversos lugares e o diálogo com outras realidades. Cabe em outros trabalhos realizar análises comparativas com imagens produzidas em outros territórios, e também a produção de não-fotógrafos, o público comum. Ademais, dados os limites temporais deste trabalho e, sendo a análise de um evento em andamento, nossas considerações são necessariamente provisórias.

Imagens compartilhadas neste período têm registrado dores postas em comum e a necessidade de discutir políticas que abriguem os mais vulneráveis, mas também a esperança daqueles que foram e seguem sendo salvos pela ciência, pelo trabalho responsável e solidariedade de outros seres humanos. Estes, através das fotos, sorriem para um futuro com melhores lembranças.

Referências

BARCELOS, Janaina Dias. **Imagem e produção de sentido sobre favelas cariocas em fotos jornalísticas**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LEAL, Bruno. **Saber das narrativas: narrar**. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs.) Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



LYNTHERIS, Christos. How photography has shaped our experience of pandemics. **Apollo Magazine**, abr./2020. Disponível em: <https://www.apollo-magazine.com/photography-pandemics/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, Magia e Imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana** v. 14, n. 2, p. 455-475, 2008. Disponível em: Acesso em:

SCHNEIDER, Greice; BENIA, Renata. Imagens de um tempo suspenso: dramaturgia do não-acontecimento nas fotografias contemplativas da pandemia. **Interin**, Curitiba, v. 25, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/2403>. Acesso em: 07 fev. 2021.

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. A fotografia e o processo de construção social da memória. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p. 228-231, set./dez. 2011. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.05. Acesso em 07 fev. 2021.

Lista de Imagens:

Imagem 1: Felipe Iruatã, Salvador, ago./20; **Imagem 2:** Raphael Alves, Manaus, set./2020; **Imagem 3:** Karime Xavier, Pio XII, out./2020; **Imagem 4:** Marília Quinderé, Fortaleza, out. 2020; **Imagem 5:** Bruno Kelly, Manaus, jan. 2021; **Imagem 6:** Bruno Kelly, Manaus, jan. 2021; **Imagem 7:** Lalo de Almeida, São Paulo, dez./2020; **Imagem 8:** Brenno Carvalho, Rio de Janeiro, set./2020; **Imagem 9:** Fabio Lima, Fortaleza, set./2020; **Imagem 10:** Bruno Kelly, Manaus, jan. 2021; **Imagem 11:** Miguel Schincariol, São Paulo, jan./21; **Imagem 12:** Brenda Alcantara, Recife, ago./2021; **Imagem 13:** Alexandre Schneider, São Paulo, ago./2020; **Imagem 14:** Bruna Prado, Rio de Janeiro, nov./2020; **Imagem 15:** Hermes de Paula, Rio de Janeiro, jul./ 2020; **Imagem 16:** Pilar Olivares, Rio de Janeiro, set./2020; **Imagem 17:** Projeto Ruas do Bem, São Paulo, nov./2020; **Imagem 18:** Ana Carolina Fernandes, Rio de Janeiro, ago.2020; **Imagem 19:** Tarso Sarraf, Cachoeira do Piriá, jan./2021; **Imagem 20:** Buda Mendes, Rio de Janeiro, fev./2021; **Imagem 21:** Buda Mendes, Maricá, jan./21.